

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

26



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2017

da obra, e na romanização dos territórios.

A tradução, feita a partir do grego original, esteve a cargo de dois classicistas, Jorge Deserto, da FLUP e Susana da Hora Marques Pereira, da FLUC, e tem por objectivo principal oferecer ao público português e lusófono, académico e leigo, uma versão actualizada e acessível do texto estraboniano, como expressa a Nota Prévia (p.11). Dá, assim, continuidade ao propósito que motivou Estrabão a empreender a composição da *Geografia* que, como o próprio referiu, servia as necessidades da administração do estado (1.1.16), do homem de estado e do público em geral (1.1.22). O texto é antecedido por uma Introdução Geral (pp. 13-31), escrita a três mãos, com os Tradutores a deixarem o A. apresentar, através de trechos dos dois primeiros livros introdutórios, a *Geografia*, para comentarem e complementarem as informações por ele dadas. A Introdução debruça-se numa primeira parte (pp.13-31) sobre a vida e obra do A. (pp.13-23) e na segunda aborda a estrutura e as fontes do Livro III (pp.23-31). Segue-se a tradução (pp.35-94), que se encontra dividida em cinco capítulos. O primeiro capítulo (pp.35-41) apresenta a perspectiva geral da Península e a Costa Meridional da Ibéria – do Promontório Sagrado às Colunas de Hércules; segue-se a Turdetânia (segundo capítulo, pp.43-58), a Costa Ocidental e Setentrional da Ibéria, a Lusitânia e os montanhesees do Norte peninsular (capítulo terceiro, pp. 59-66). Os dois capítulos finais examinam os territórios entre as Colunas e os Pirenéus (capítulo quarto, pp.67-82) e as Ilhas (capítulo quinto, pp.83-94). Um mapa da Península (pp.95), com as regiões descritas por Estrabão, dois índices de Termos Geográficos (pp.97-119) que actualizam a toponímia antiga e de Fontes Antigas, citadas apenas no Livro III (p.121), e a Bibliografia (pp. 123-127), que apresenta um conjunto de estudos sobre a obra estraboniana e sobre a Península Ibéria, encerram o volume. Gostariamos de destacar o cuidado com que a tradução foi pensada e organizada. As notas de rodapé afiguram-se um pequeno e sucinto *Companion*, que congrega um manancial de informação, como as unidades de medida greco-romanas que os Tradutores converteram para as actuais, permitindo uma percepção imediata das distâncias indicadas, a actualização da toponímia antiga, breves notas sobre autores antigos citados por Estrabão ou ainda referências bibliográficas específicas sobre temas citados no texto, e que permitem aos leitores uma cadência de leitura e de análise de texto fluídas. Resta-nos aguardar, com esperança, pelos próximos livros da obra estraboniana.

Nídia Catorze Santos

Centro de História, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

LAUREN CALDWELL (2015), *Roman Girlhood and the Fashioning of Femininity*. Cambridge, Cambridge University Press, 188 pp. ISBN 978-1-107-04100-4 (£62,00; US\$98,00).

O volume em apreço assume, como objectivos primordiais, contribuir para um conhecimento mais coerente da vida das jovens mulheres em Roma, e, em particular, explorar o aparente paradoxo que a A. identifica na cultura romana entre, de um lado, o prestígio e a relativa independência da matrona, e, de outro, as múltiplas restrições impostas à vida das mulheres. Abordando uma etapa da vida de que nos chegaram poucas informações, é certamente um contributo necessário e extremamente válido acerca da fase de transição para a idade adulta das jovens romanas, transição que era fonte de

ansiedade e de escrutínio familiar e social. Apesar do incremento, nas últimas décadas, das publicações acerca da infância e da família na Antiguidade, a vida das jovens permanece pouco conhecida, devido à escassez de representações e de registos com ela relacionados e ao silêncio que a envolve.

Esta fase da vida, que é a actualmente entendida como uma fase longa de preparação para a idade adulta, tinha para os Romanos uma configuração distinta, já que se comprimiam no que é para nós um curto espaço de tempo a puberdade, o casamento e a procriação. Ao contrário de estudos anteriores, que se centram no matrimónio enquanto ritual de passagem, Caldwell sustenta que se deve entender que a transição das raparigas para a vida adulta se estende por um período de tempo alargado e que tem efeitos duradouros e profundos na experiência de vida daquelas.

O estudo de Caldwell explora as informações que nos chegaram principalmente de fontes como inscrições funerárias, tratados médicos e textos literários e jurídicos para reconstituir a vida das jovens mulheres, não de todas, mas apenas das oriundas das famílias da elite romana. Esta escolha justifica-se pela natureza das fontes que chegaram até nós e que tratam precisamente deste segmento da população, mas também pelo facto de estas jovens casarem mais cedo do que as restantes devido a cinco factores identificados pela A.: a existência entre as classes altas de uma certa competição para conseguir noivas; a importância concedida à autoridade tradicional do *paterfamilias*; a promoção do casamento feita pelo Estado; o costume do dote; e, por último, a existência de expectativas culturais como a preservação da pureza sexual antes do matrimónio ou a crença de que na puberdade as paixões das jovens se tornam incontroláveis. Estes factores deram origem a pressões sociais actantes na vida das jovens, criando um paradigma social que implicava que as jovens casassem pela primeira vez e tivessem filhos relativamente cedo. A obra em análise pretende aprofundar como é que este padrão era visto a nível social e cultural e consolidado tanto a nível familiar, como a nível público.

Organizado em cinco capítulos, o volume tem um índice remissivo básico e uma lista bibliográfica extensa e actualizada. É de leitura fácil e não apenas para um público especializado. O primeiro capítulo, “Formal education and socialization in virtue”, é uma análise da socialização das jovens, tanto mediante uma educação que designaríamos como formal, como pela inculcação de valores morais e virtudes que tornariam as jovens atraentes para um futuro pretendente. A necessidade de instruir as raparigas acerca dos papéis sociais que lhes eram atribuídos parece ter sido notória, principalmente a partir dos catorze anos de idade, quando se considerava que a maturidade física tornaria necessária uma preparação sólida no que diz respeito às normas de comportamento adequadas. A maior dificuldade neste estudo é a falta de informações acerca das estruturas e do enquadramento da educação formal das jovens romanas. As fontes escassas sobre esta matéria parecem indicar que a presença das raparigas na escola não ultrapassaria um nível de ensino mais ou menos elementar e que, ao contrário dos rapazes cuja educação continuava pela segunda década de vida, o casamento poria um fim aos cuidados que a família poderia ter dedicado à educação da jovem. Central na socialização das mulheres seria certamente a preparação para o matrimónio e a preocupação de as dotar de virtudes como a coragem e a castidade, a primeira ao serviço da segunda. Os *exempla* femininos do passado romano, como a história de Clélia, que a A. analisa, transmitem precisamente esta associação entre a coragem, virtude tipicamente masculina, e o pudor, qualidade feminina por excelência.

Em “Protecting virginity”, título do segundo capítulo da obra, Caldwell explora a forma como os Romanos lidaram com a necessidade de proteger a pureza pré-matrimonial das jovens, necessidade que gradualmente se foi tornando um assunto do foro público e não apenas do privado.

Pela legislação moral de Augusto, o casamento e a procriação tornam-se matéria de política pública e passam a estar associados de forma explícita aos deveres dos indivíduos enquanto cidadãos, fossem do sexo feminino ou masculino. Em paralelo, pelas medidas penalizadoras do adultério e do *stuprum*, a sexualidade feminina torna-se objecto de escrutínio social. A análise a que a A. procede dos textos jurídicos, complementada pelo estudo de histórias de teor moral e de discursos declamatórios, mostra como estes tendem a reforçar noções relacionadas com o que se considerava o comportamento adequado às raparigas, prescrevendo, por exemplo, as formas correctas de se vestirem (distinguindo-se de escravas e prostitutas pelo vestuário) ou de se apresentarem em público (acompanhadas). O significado jurídico da palavra *virgo*, que abrange conceitos como a juventude e a pureza sexual, o nascimento livre e o estado celibatário das jovens difere, de acordo com a A., do de outros vocábulos afins, como *puella*, e associa-se à posição da virgem na lei primariamente como objecto legal e não como agente. Mesmo nas regulamentações sobre o *stuprum*, a responsabilidade é do ofensor ou do acompanhante da jovem e não desta. Sustenta ainda Caldwell que a lei estabelece o reconhecimento público de que se deve defender o direito que o *paterfamilias* da jovem tem de dispor da vida da jovem.

Os textos de medicina constituem a base de análise do terceiro capítulo, “All kinds of exercises fitting for girls”. Nestes textos, nem sempre a pressão social para que as jovens casem cedo coexiste de forma harmoniosa com o cuidado que autores como Sorano ou Rufo demonstram pela preservação do bem-estar físico e psicológico das jovens que se preparam para ser mães. Considerada já no Corpo Hipocrático como uma fase particularmente complexa e potencialmente causadora de patologias, a puberdade feminina é entendida de forma divergente pelos autores estudados: Rufo mantém a perspectiva hipocrática que prescreve a actividade sexual e o matrimónio como prevenção para as enfermidades associadas à maturação física e psicológica das raparigas, enquanto Sorano adopta uma visão mais positiva desta fase da vida, entendendo-a como uma fase idêntica às outras, mas precavendo os seus leitores acerca dos perigos que a actividade sexual precoce pode representar na vida das jovens e salientando os benefícios da virgindade. O regime de vida que se recomenda, seja no que diz respeito aos exercícios físicos seja na dieta aconselhados, tem como propósitos a preservação da saúde e da capacidade reprodutora das raparigas e, em paralelo, a conservação da sua feminilidade. A análise de Caldwell incide igualmente sobre as considerações de Sorano e Rufo, ambos cientes dos perigos da iniciação sexual e da gravidez precoces, acerca da idade que consideram a ideal para as jovens casarem e terem filhos.

A tese central do quarto capítulo, “The pressure to marry”, é que a relação entre as prescrições legais e as expectativas sociais sobre o matrimónio das raparigas poderia ter efeitos tanto positivos, como negativos na vida destas. Ao deixar em aberto a idade mínima para as jovens casarem, os textos jurídicos concedem ao *paterfamilias* a liberdade de decidir qual o melhor momento para casar a filha. É fulcral nestes textos o papel instrumental que a noiva desempenha na parceria que estabelece entre o pai e o noivo, permitindo o reforço da reputação do primeiro e a criação de uma nova *domus* para o segundo. Mesmo que uma parte significativa das jovens tivesse perdido o pai antes de atingir a idade núbil, outros familiares tomariam a seu cargo as decisões relativas ao casamento. A posição dos juristas sobre a coabitação com raparigas demasiado jovens, analisada neste capítulo, baseia-se na valorização das pressões sociais e na flexibilização da lei perante preocupações de ordem primariamente financeira que, ainda assim, se apresentam como legitimadas pela *pietas* tanto por parte do pai, que procurou a melhor união para a filha (mesmo antes de esta ser *viripotens*), como por parte da filha, de quem se

espera a submissão total à vontade paterna. A tendência para as jovens das famílias da elite casarem cedo é, de acordo com Caldwell, condicionada não tanto por factores relacionados com a procriação, como com a crença de que a puberdade feminina desencadeia nas jovens desejos incontrolláveis e indignos que só o matrimónio domina.

“The wedding and the end of girlhood” é o último capítulo da obra e nele é analisada a forma como um conjunto de textos de autores como Catulo, Petrónio, Marcial, Plutarco, Ausónio, etc. representam a noiva como uma figura em transição para o seu novo estatuto de esposa sexualmente activa, transição representada pelas cerimónias nupciais. Os textos analisados entendem que esta transição é difícil e os sentimentos da jovem envolvem hesitação, resistência e medo, mas ela torna-se também objecto de um desejo de domínio por vezes perverso que põe a nu o desequilíbrio de poder entre o casal recém-formado.

Nesta obra, Caldwell realiza uma reconstituição coerente – tanto quanto as fontes permitem – do que se esperava das jovens mulheres romanas, numa fase das suas vidas que se considerava extremamente importante para o bem-estar da comunidade. A selecção dos textos é pertinente e permite uma abordagem multidisciplinar do tema. Constitui também, parece-nos, uma base sólida para futuras e mais pormenorizadas investigações acerca de uma área pouco explorada.

Cristina Santos Pinheiro

*Universidade da Madeira,
Centro de Estudos Clássicos da Universidade de Lisboa*

LOÏC BORGIES (2016), *Le conflit propagandiste entre Octavien et Marc Antoine. De l'usage politique de la uituperatio entre 44 et 30 a. C. n.*, Bruxelles, Éditions Latomus, 518 pp. ISBN 9789042934597 (74.00 €)

A obra em epígrafe é fruto da tese de mestrado de Loïc Borgies, apresentada na Université libre de Bruxelles no ano de 2015. Inserido na *Collection Latomus*, Borgies procura demonstrar a importância da *uituperatio* na guerra propagandística entre Octaviano e Marco António durante o período de 44 a 30 a.C. O objectivo desta obra é afirmado na Introdução (pp. 13-45), onde o autor aborda especialmente os conceitos de propaganda moderna e antiga, além do estado da arte do estudo da propaganda no período do triunvirato.

O livro segue uma estrutura tripartida, em que a primeira parte se concentra nos temas da *uituperatio*, centrando-se a análise em capítulos de *loci* de invectiva clássica como a *ignobilitas* (pp. 49-105), *crudelitas* (pp. 107-188), *ignavia* (pp. 189-218), o *genus eloquendi et scribendi* (pp. 219-245), *uitia non romana* (pp. 247-285), e finalmente *tota Italia* (pp. 287-247), expressão retirada da *Res Gestae* de Augusto, onde Borgies abordou a forma como Octaviano preparou a audiência romana e itálica para o iminente conflito com António, que teve o seu epílogo com o suicídio do general romano em Alexandria. Na segunda parte, Borgies analisou a constituição das audiências da *uituperatio* (pp. 351-400), focando-se nos legionários e veteranos (pp. 356-370), na plebe (pp. 370-382), nas elites republicanas (pp. 383-388), e por fim nos partidários de António (pp. 388-393) e Octaviano (pp. 393-400). A terceira e última parte é dedicada à dissecação do uso da cultura material para efeitos de *uituperatio*, sendo o